

## Estudo de Provérbios em “Balada de Amor ao Vento”, de Paulina Chiziane: construção de glossário fraseológico

### Study of Proverbs in Paulina Chiziane's “Balada de Amor ao Vento”: construction of a phraseological glossary

Bento Orlando Mutoba\* 

**RESUMO:** Partindo das linhas conceituais da proposta taxonômica de Corpas Pastor (1996) na classificação das unidades fraseológicas (UF), este artigo dedica-se a compreender os provérbios presentes na obra *Balada de Amor ao Vento* (2003) de Paulina Chiziane. O objetivo é contribuir para o estudo do conhecimento cultural e linguístico do sul de Moçambique, através da escrita da autora. Com efeito, a interpretação das UF acessadas manualmente no livro deu-se com a construção de glossário que contou com um total de 19 provérbios, sob uma abordagem semasiológica e fundamentada em saberes culturais moçambicanos que potencializam a sua compreensão. A pesquisa, ancorada em *corpus* literário, permite não apenas compreender o pensamento crítico de Paulina Chiziane, mas também evidenciar manifestações culturais e linguísticas de um povo, refletidas na sabedoria popular expressa nos provérbios - formas metafóricas, concisas e densas de conhecimento cultural presente na sociedade moçambicana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Provérbios. Unidades fraseológicas. Balada de Amor ao Vento. Paulina Chiziane.

**ABSTRACT:** Based on the conceptual lines of Corpas Pastor's (1996) taxonomic proposal for classifying phraseological units (UF), this paper is dedicated to understanding the proverbs present in Paulina Chiziane's *Balada de Amor ao Vento* (2003). The aim is to contribute to the study of cultural and linguistic knowledge of southern Mozambique through the author's writing. In fact, the interpretation of the UF accessed manually in the book took place through the construction of a glossary with a total of 19 proverbs, under a semasiological approach and based on Mozambican cultural knowledge that enhances their understanding. The research, anchored in a literary corpus, makes it possible not only to understand Paulina Chiziane's critical thinking, but also to highlight the cultural and linguistic manifestations of a people, reflected in the popular wisdom expressed in proverbs - metaphorical, concise and dense forms of cultural knowledge present in Mozambican society.

**KEYWORDS:** Proverbs. Phraseological Units. Balada de Amor ao Vento. Paulina Chiziane.

---

\* Doutorando em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” /IBILCE. [bento.mutoba@unesp.br](mailto:bento.mutoba@unesp.br)

## 1. Introdução

Paulina Chiziane, que nasceu aos 04 de junho de 1955, em Manjacaze, uma vila de Moçambique no estado de Gaza, é a primeira romancista moçambicana e dona de uma vasta produção literária de grande reconhecimento, que lhe rendeu o Prémio Camões em 2021, tornando-se, desta maneira, a também primeira mulher africana a ter tal distinção, naquele que é o maior prémio da literatura de expressão portuguesa. Em 2022, em uma entrevista concedida ao portal da RTP África<sup>1</sup>, a mesma autora revelou que atualmente está mais abraçando a área musical onde dedica com certa exclusividade maior parte do seu tempo, tendo já lançado um álbum intitulado *Msaho* (canto ou espetáculo musical de várias orquestras de timbila) composto por 17 faixas.

A obra *Balada de Amor ao Vento* (BAV), que já conta com a 2ª edição<sup>2</sup>, a mesma que nos serve de *Corpus* de discussão para este texto, é uma narrativa que constrói a situação da mulher moçambicana em uma sociedade patriarcal e poligâmica localizada em Gaza, estado do Sul de Moçambique (Valer, 2009). O enredo é construído através dos protagonistas, Mwando, Sarnau e o rei de Mambone; Sarnau é narradora, de quem o leitor depreende toda a trama e o desenrolar dos acontecimentos, cujo núcleo gira em torno da sua problemática vida amorosa e da sua condição feminina (Massingue; Mate, 2023), por essa razão, a narração é feita na primeira pessoa gramatical do singular. Embora a obra, já tenha sido bastante explorada, as (re)leituras ainda inspiram vários estudos sob diferentes perspectivas.

Um dos dados que dá destaque a obra é a sua representatividade cultural, isto é, ela é caracterizada por várias oralidades que “reverberam crenças e tradições milenares africanas” (Massingue; Mate, 2023, p. 36) e que por muito caracterizaram a realidade de vários países africanos, particularmente, de Moçambique e, a sua inserção

---

<sup>1</sup> Canal de televisão generalista destinado aos diferentes países africanos de língua oficial portuguesa.

<sup>2</sup> A 1ª edição foi publicada em 1990 pela Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO), e a 2ª foi publicada em 2003 pela Editorial Caminho, em Lisboa.

na diegese, nos possibilita vislumbrar manifestações e pensamentos do povo moçambicano através da língua.

A obra faz uso de expressões fixas consagradas por uma comunidade linguística específica, que traduzem experiências coletivamente vividas e são formuladas como enunciados conotativos, breves e completos, com uma função comunicativa definida, como orientar, aconselhar, consolar, advertir ou persuadir. Esses enunciados são denominados provérbios por Xatara e Parreira (2011).

Nesse sentido, este artigo, partindo da proposta taxonômica de Corpas Pastor (1996) na classificação das unidades fraseológicas, dedica-se a compreender os provérbios presentes na obra *Balada de Amor ao Vento* de Paulina Chiziane, visando contribuir com estudo do conhecimento cultural e linguístico do sul de Moçambique, através da escrita da autora. Desse modo, espera-se que o estudo permita compreender as oralidades ou manifestações de linguagem idiomáticas culturalmente e/ou coletivamente partilhadas no sul de Moçambique, através dessa produção literária.

Metodologicamente, a pesquisa está subsidiada pelos estudos do léxico, especialmente, por investigações que se utilizam de obras literárias como *Corpus* de pesquisa (Barreiros, 2017). Após a leitura da obra BAV de Paulina Chiziane, a classificação dos enunciados de acordo a perspectiva de Corpas Pastor, e o consequente inventário de 19 provérbios que a nossa leitura nos permitiu acessar, fizemos uma análise interpretativa considerando os conhecimentos do contexto cultural moçambicano, onde para além do conhecimento enciclopédico do pesquisador, foi crucial o embasamento teórico de algumas fontes bibliográficas que abordam, por exemplo, sobre a cultura, oralidades de Moçambique, e que comentam sobre a obra que nos serve de *corpus* para a nossa reflexão.

Apropriando-nos da estratégia metodológica da pesquisa de Costa (2020) intitulada “As Unidades Fraseológicas nos Panfletos de Eulálio Motta”, construímos um glossário numa perspectiva semasiológica na qual o pesquisador parte do

significante para o significado, onde se analisa o contexto para encontrar a definição do provérbio inventariado.

## **2. A Narrativa de Paulina Chiziane: uma contextualização temática em intercessão com a cultura moçambicana**

A literatura, enquanto manifestação com função social, desvairá saberes, ou mobiliza vários conhecimentos, quer sejam históricos, políticos, científicos, como também socioculturais traduzindo uma certa representatividade ou reflexo do seu meio de produção. Essa, de acordo com Compagnon (2009) em “Literatura para quê?” constitui a grande função da literatura.

Nesse sentido, entendemos que a escritora moçambicana não fugiu dessa lógica para a construção da sua narrativa, isto é, BAV “se reveste de dizeres da cultura tradicional africana, resultantes da experiência acumulada da autora, transmitida pelos mais velhos, por via da memória coletiva” (Massingue; Mate, 2023, p. 36). Nessa perspectiva, entende-se que BAV é caracterizada por oralidades (Lara, 2015) que permitem uma demarcação espaço-cultural, representação do conhecimento cultural do sul de Moçambique através da língua, como também os provérbios enquanto elementos identitários do pensamento coletivo de um povo e que têm espaço na oralidade.

Nos dizeres de Massingue e Mate (2023) a obra é produzida a partir de uma estrutura que entrelaça crenças mitológicas, religião, rituais e um conjunto de costumes presentes no imaginário coletivo.

Os mesmos autores entendem que a inserção de provérbios na narrativa moderna africana, por um lado, pode ser entendida como uma forma de demarcação de espaço de pertença da autora. Significa que a autora, ao demarcar o seu espaço de pertença, de forma subjetiva, “apela à resistência das culturas africanas face às ocidentais” (Massingue; Mate, 2023, p. 36); e, por outro, afronta algumas práticas de uma cultura tradicional, que naturalmente deva considerar a sua própria dinâmica.

Paulina Chiziane aborda na sua narrativa ‘questões sensíveis como a poligamia e o machismo’ (Kutter, 2019) que traduzem uma parte da cultura moçambicana, colocando as figuras de Mwando e Sarnau como protagonistas. No decorrer da narrativa são vistas construções metafóricas presentes na fala cotidiana dos moçambicanos que fazem parte da cultura representada.

Identificamos algumas dessas construções como provérbios, que têm, sobretudo, uma função educativa, sendo até por isso que a autora sempre que se quer apropriar de um provérbio, vinca “os antepassados sempre disseram”; e, com isso, na nossa opinião, a autora pretende mostrar a autoridade cultural e a sabedoria coletiva, além do caráter educativo com que esses enunciados são usados, conforme Corpas Pastor (1996) explica ao caracterizar os provérbios (origem desconhecida, função educativa etc.).

Nas culturas africanas, em particular a moçambicana, os antepassados são provedores de sabedoria da vida e, por conseguinte, os seus ideais são perpetuados. Essa expressão, no entendimento de Massingue e Mate (2023, p. 38), “prova o fato de se tratar de uma prática culturalmente transmitida ao longo de várias gerações, representando, pois, a memória de gerações e de uma tradição, também, secular.”

Em meio a essa representação presente na narrativa chizianeana, a autora faz-nos compreender igualmente a diversidade com que Moçambique se caracteriza, isto é, em Moçambique para além de práticas tradicionais, vigora também a cultura cristã, havendo, por isso, conhecimentos coletivamente compartilhados que questionam algumas práticas da cultura tradicional moçambicana. E essa repulsa de algumas ideologias da cultura moçambicana, é representada por Mwando, que, por exemplo, apaixonado por Sarnau, recusa-se a cooperar com o sistema patriarcal e poligâmico presente na cultura do sul de Moçambique. A esse respeito, Possenti (2002, p. 190) observa que é comum que uma mesma comunidade possa apresentar diversidade ideológica e provérbios com efeitos de sentidos opostos.

Nesse sentido, vimos em BAV provérbios como “em coisas de marido e mulher, ninguém mete a colher” (Chiziane, 2003, p. 34), que contradiz a ideia de obrigatoriedade em alinhar com os ideais culturais perpetuados de gerações a gerações ou como “afronte a autoridade da assembleia de anciãos, pondo em causa a autoridade moral e um conjunto de crenças adjacentes aos provérbios usados pela assembleia.” (Massinugue; Mate, 2023, p. 39).

Para maior entendimento sobre o gênero discursivo provérbio, passamos na seção seguinte, a refletir sobre a sua conceitualização, sua classificação, sua caracterização e sua função por meio de alguns pressupostos teóricos.

### **3. Uma linha de entendimento do provérbio enquanto unidade fraseológica na perspectiva de Corpas Pastor (1996)**

Os provérbios enquanto unidades fraseológicas, na proposta taxonômica de Corpas Pastor (1996), estão alinhados na 3ª Esfera referente a enunciados fraseológicos (EF) que comportam unidades independentes, autônomas, ou que funcionam como textos completos e que tem uma fixação interna (a nível da forma e conteúdo) e externa (relacionam-se a um contexto culturalmente estabelecido). E especificamente classificados como parte da primeira subdivisão dos EF referente a parêmiás, onde para além dos provérbios fazem também parte, os enunciados de valor específico e as citações.

Os provérbios são textos orais de origem desconhecida, que refletem um repositório de sabedoria popular; e funcionam, na verdade, como atos de fala indiretos, na medida em que o locutor tem a intenção de dizer algo diferente daquilo que quer expressar. Tanto o locutor quanto o interlocutor partilham do contexto cultural da enunciação das mesmas unidades, razão pela qual, o interlocutor consegue captar a intenção comunicativa do locutor. É nessa lógica que Ortiz Alvarez (2016) explica que os falantes:

Ao citarem provérbios, mostram a sua identidade com unidades nacionais e o interlocutor sinaliza também a sua aceitação e a sua identificação com o falante e o grupo ao qual o falante pertence. Por outro lado, os provérbios geram implicaturas conversacionais, pois o falante emite o provérbio e o interlocutor deverá alcançar a implicação pretendida, ao decifrar a intenção comunicativa do falante (Ortiz Alvarez, 2016, p. 1).

Sendo assim, os provérbios são contextualmente interpretáveis, e são parte de uma comunidade linguística, por isso, o acesso do significado pode indicar pertença do falante na comunidade na qual estão vinculados.

Em Xatara e Parreira (2011) lemos que:

O provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, persuadir (Xatara; Parreira, 2011, p. 80).

Desta feita, os provérbios são lexicalizados e cristalizados, isto é, possuem significado próprio, independente dos seus constituintes. Porém, Corpas Pastor (1996) entende que a idiomaticidade, enquanto um dos critérios que caracterizam as unidades fraseológicas no geral, não é uma propriedade definitiva do provérbio, pois existem provérbios idiomáticos (aqueles que desencadeiam uma interpretação-padrão não dependente dos princípios de uma semântica composicional, como “o cabrito come onde está amarrado” referindo-se a ideia de que cada profissional apropria-se dos benefícios do local onde trabalha), como também há provérbios cuja interpretação-padrão coincide com o seu significado literal, composicionalmente apreendido (*Antes tarde do que nunca*).

No entanto, na narrativa em análise, compreendemos que as unidades que pudemos inventariar são provérbios idiomáticos - aqueles cujo sentido é conotativo, ultrapassando seus significados literais quando aplicados em contextos específicos.

Assim, para compreendermos os provérbios presentes em BAV de Paulina Chiziane que, de certa forma, traduzem as oralidades culturais moçambicanas,

construímos um glossário numa perspectiva semasiológica na qual parte-se do significante para o significado para construção do sentido.

#### **4. Glossário dos provérbios presentes em “Balada de Amor ao Vento” de Paulina Chiziane**

Nesta seção, inicialmente, são apresentados brevemente os procedimentos metodológicos e fundamentos teóricos para a construção do glossário, momento oportuno para apresentar as decisões tomadas, bem como as estratégias usadas para sistematização e interpretação dos dados deste artigo. E, por fim, apresentamos o glossário.

Importa reiterar que este artigo se apoia nos estudos do léxico, especialmente em investigações que tomam obras literárias como *corpus* de pesquisa (Barreiros, 2017), tendo sido adotada, neste caso, a obra *Balada de Amor ao Vento*, de Paulina Chiziane, como *corpus* de análise.

Para a fundamentação da classificação dos enunciados analisados, seguiu-se a proposta de Corpas Pastor (1996), segundo a qual tais expressões pertencem à 3ª esfera das unidades fraseológicas, definida por reunir enunciados com autonomia tanto estrutural quanto semântica. Nessa categoria, os provérbios são considerados um tipo específico de parêmiás, pois se configuram como textos completos, estáveis em sua forma e conteúdo, e enraizados em um contexto cultural determinado. Vale destacar que, além dos provérbios, as parêmiás incluem também outros enunciados, como máximas individuais e citações. Contudo, o foco da presente análise recai unicamente sobre os provérbios.

A busca ou coleta dos 19 provérbios observados na obra foi feita manualmente, com a observação sistemática do pesquisador e, a análise foi feita a partir da construção de um glossário em estrutura de ficha com base em uma abordagem semasiológica, mobilizando, para tanto, conhecimentos culturais moçambicanos que potencializam a interpretação dos enunciados.



De acordo com Dubois et al. (1993, p. 306) glossário é a “relação de palavras”, em que se explica o significado delas, para ajudar o leitor na compreensão do texto que lê. Por sua vez, Biderman (1984, p. 139) entende que glossário seja “um dicionário que dá sob a forma de simples traduções o sentido de palavras raras ou mal conhecidas. Modernamente são comuns os glossários de linguagem técnica” (Biderman, 1984, p. 5).

Em síntese, podemos postular que um glossário comporta um vocabulário extraído de um texto específico ou de uma área determinada, ou enunciados lexicalizados e cristalizados, que possuem significado próprio, independente dos seus constituintes e de conhecimento popular. É elaborado com o propósito de facilitar a leitura e a compreensão de termos que possam ser pouco familiares ao leitor.

Nessa senda, apresentamos em forma de glossário os provérbios acessados em BAV de Paulina Chiziane, de modo a construir as possíveis interpretações com base no contexto textual, no nosso conhecimento enciclopédico, como também no embasamento bibliográfico que nos permita refletir sobre essas unidades.

Estruturalmente, a ficha “glossarial” ou interpretativa organiza-se, sequencialmente, pelas seguintes células: (i) as entradas, dispostas em ordem alfabética e destacadas em **negrito**; (ii) a classificação das unidades fraseológicas, quanto à temática, à forma, à origem cultural e à função; (iii) a explic(it)ação cultural, por meio da interpretação do enunciado de acordo com o contexto textual, embasamento bibliográfico e mobilização dos conhecimentos culturais do pesquisador; (iv) as abonações que potencializam a interpretação através dos contextos textuais nos quais os EF foram extraídos, com a devida citação; (iv) e, por fim, outras observações que complementam a construção de sentido dos enunciados analisados.

Salientamos que, uma vez que este trabalho aborda apenas um tipo de unidade fraseológica - os provérbios -, a ficha não apresenta a classificação quanto ao tipo de EF, partindo do princípio de que todos os enunciados tratados são provérbios.

**Quadro 1:** Ficha interpretativa das unidades fraseológicas (provérbios).

Provérbio	Classificação	Explic(it)ação cultural	Abonação	Outras observações
<b>A canção é a alma do negro</b>	Identidade, narrativo, universal, consolador.	Extensão da existência da pessoa negra moçambicana, o embalo. É na música onde a figura do negro subjugado a práticas cruéis encontra a sua essência, sua totalidade, maneira de se conectar aos “antepassados. Segundo Campos (2010), a música tem o poder de conexão com a origem de cada ser e a capacidade de dar sentido a algumas questões.	<i>“Quando sofre, canta, quando ri, canta, quando trabalha, canta. Até parece que a canção desperta no fundo do ser a força secular de todos os antepassados”</i> . (Chiziane, 2003, p. 125)	Durante o período colonial em Moçambique, era comum que os moçambicanos entoassem cânticos motivacionais enquanto realizavam trabalhos forçados, como forma de atenuar o sofrimento físico e psicológico decorrente da opressão.
<b>A cobra deixa sempre rasto por onde passa</b>	Acontecimento, metafórico, universal, didático.	Tudo o que acontece é susceptível a ser descoberto. E os mais espertos sempre têm as sutis maneiras de perceber as dinâmicas da vida. Esse enunciado é usado quando Mwando segredava que a sua devoção a Deus (na necessidade de ser padre) estava sendo abalada por causa dos seus sentimentos por Sarnau. Porém, Salomão e poucos outros que já haviam compreendido, acreditavam que tarde ou	<i>“Todos nós farejamos, só o velhote é que é cegueta e ainda não desconfia de nada”</i> (Chiziane, 2003, p. 20).	Podia se entender também que as práticas que violam a moralidade de acordo com uma perspectiva ideológica sempre despertam curiosidade e espanto nos demais. Mas no sentido textual, trata-se de descoberta de um acontecimento. Tanto que o amor de Mwando por Sarnau acaba por não ser mais segredo para ninguém.

		cedo, o segredo de Mwando seria descoberto.		
<b>A mulher é a galinha que se cria para com ela presentear os visitantes</b>	Gênero e papéis sociais, metafórico, local, informativo.	Toda mulher, em Moçambique, tem o propósito de ir ao lar; na cultura moçambicana, acredita-se que a mulher não pertence à família na qual nasceu, porque ela após o crescimento deve casar e tornar-se parte de uma outra família correspondente a do marido.	<i>“Criámos a Sarnau com amor e sacrifício, os visitantes estão à porta e vêm buscá-la para sempre. Defuntos dos Guiamba e dos Twalufo, a vossa filha é hoje lobolada”</i> (Chiziane, 2003, p. 21)	Nas comunidades moçambicanas é comum dizer-se que a mulher é passageira ou está de passagem pelo caminho a beira da casa dos seus pais.
<b>A sentenciada meteu a cabeça na forca</b>	Sufrimento, metafórico, universal, crítico/satírico.	Entregou-se à própria condenação ou sofrimento. Sentido, basicamente, equivalente à ideia de “entrar na toca dos leões”, e recorrido pela autora para traduzir a ideia de ida ao lar, contando com os desafios que a mulher normalmente na cultura moçambicana possa enfrentar.	<i>“No novo lar, os Zucula receberam-me triunfalmente, com batucadas que esfacelavam o ar, a sentenciada meteu a cabeça na forca. Senti em mim a negra partindo para a escravatura; a prisioneira caminhando para o cadafalso.”</i> (Chiziane, 2003, p. 47)	Segundo Paulino (2014), num tom de exagero e revolta, “o lar em Moçambique aparece associado à prisão” pelo nível dos desafios a que a mulher é submetida, levando-a a um sério sofrimento.

---

<sup>1</sup> “Lobolada” vem do infinitivo “lobolar” que significa casar alguém/uma mulher.

<b>Chocar ovos é para galinha chocadeira</b>	Fertilidade, narrativo, local, informativo.	A procriação é para mulher fértil. Por muito tempo, em Moçambique a procriação foi indispensável para um casal, por isso, esperava-se sempre que a mulher dê filhos, e na impossibilidade desta, podia levar ao sistema poligâmico, onde uma segunda mulher com fertilidade se junta ao casal com tal propósito, procriação.	<i>“O caso mais recente foi de uma mulher que depois de nove meses de esperança, no lugar de um filho saiu-lhe uma bacia do vazio lá dentro”.</i> (Chiziane, 2003, p. 59)	Sithoe (2009) explica que os defensores da “nossa cultura africana” afirmam que um dos fatores que serve como incentivo à poligamia é a valorização enorme da maternidade.
<b>Em coisas de marido e mulher, ninguém mete a colher</b>	Privacidade conjugal, moral/ético, universal, didático.	Um apelo ao respeito pela intimidade de um casal, evitando intromissão de terceiros através de conselhos, opiniões sobre assuntos que cabem ao casal resolver ou tratar.	<i>“Toda a gente sabe das loucuras desta mulher mas ninguém se mete, pois em coisas de marido e mulher, ninguém mete a colher”</i> (Chiziane, 2003, p. 34)	A autora traz essa ideia como uma crítica social contra o envolvimento exacerbado de família ou conselheiros, considerando que em algumas culturas moçambicanas toda questão sobre um casal passa por monitoramento dos padrinhos ou tios da família.
<b>Homem nunca pode lavrar sem colher</b>	Procriação, pragmático, local, advertência.	As relações sexuais entre um casal devem ter algum resultado ou efeito, neste caso, a procriação de filhos; na cultura moçambicana o homem fica frustrado quando depois de um tempo casado não vê a sua esposa lhe dando filhos.	<i>“Sarnau, pareces ser uma machamba difícil. Já faz tempo que semeio em ti e não vejo resultado. Não estou para lavrar sem colher”</i> (Chiziane, p. 58).	Paulino (2014, p. 8) explica sobre culturas africanas que cabe à mulher “o papel de cuidar dos afazeres domésticos, <b>gerar filhos</b> e cultivar a terra ou vender determinados produtos no quintal”.

<b>O dia morre para nascer outro dia</b>	Ciclos da vida, metafórico, universal, consolador.	As coisas ou situações passam para dar lugar às outras; os eventos e/ou os tempos sucedem-se, dando espaço para recomeços ou para o novo, como também o nosso fim/morte é alternado com o nascimento.	<i>“Todos morremos. Cada dia que passa aproximamo-nos do fim. A vida é assim”</i> (p. 77).	Esse enunciado leva-nos a reflexão sobre a ordem natural da vida. É trazida na obra após a morte de Agostinho, um dos personagens da obra
<b>O galo canta para a galinha cacarejar</b>	Hierarquia conjugal, narrativo, local, satírico.	Homem dá ordens para a mulher seguir; assim decorre na cultura patriarcal do sul de Moçambique, onde a mulher tem que ser submissa ao seu marido.	<i>“Bravo, Mwando, canta, canta, o galo canta para a galinha cacarejar. Essa é a ordem e nunca o inverso”</i> (p. 20)	Observamos que a autora se apropria desse pensamento para criticar a submissão secular da mulher ao homem e para reivindicar o lugar dela através do sarcasmo.
<b>O galo já nasceu a crista</b>	Crescimento/comportamento, metafórico, local, crítico.	Primeiras manifestações da masculinidade do homem depois de uma certa idade, como quem diz fulano já virou homem. Como também culturalmente pode ser interpretado como rebeldia.	<i>“Mwando tornou-se a dor de cabeça da autoridade, decidiu questionar, seguindo convicções do próprio mundo”</i> . (Chiziane, 2003, p. 20).	Esse discurso normalmente é proferido quando alguém mais novo questiona abertamente os padrões sociais ou os pais. Ou quando há “afronta directa à sua autoridade, ofensa à moral pública, e [...] das ilustres tradições legadas pelos antepassados” (Chiziane, 2003, p. 38)
<b>O galo que não consegue galar as</b>	Poligamia, narrativo, local, satírico.	Um apelo à poligamia e ao machismo, onde se espera que o homem prove a sua masculinidade tendo mais de uma mulher e que (consiga manter autoridade	<i>“Estava enfeitiçado, não havia dúvida alguma. Homem que teima em viver com uma só mulher, ainda por cima preguiçosa, não é digno de</i>	<i>“Um homem que assume a poligamia, deve assumir igualmente que é um rei, e tudo deve estar sob filosofia do seu reinado”</i> Paulino (2014, p. 10).

frangas é eliminado.		<p>entre elas) seja dominador e as mulheres sejam por ele dominadas.</p> <p>Até um certo tempo na cultura moçambicana, ser poligâmico podia ser interpretado como prova de masculinidade; e o homem deve sempre conseguir se colocar como autoridade máxima, que dá ordem, e a sua potência é que vai determinar a obediência, do contrário, perde o estatuto.</p>	<p><i>ser chamado homem. O galo que não consegue galar todas as frangas é eliminado, não presta”</i> (Chiziane, 2003, p. 40).</p>	<p>Embora esse enunciado pudesse também ser relacionado à questão da infertilidade masculina, no contexto da narrativa a autora constrói sua crítica de modo irônico, sugerindo que, um homem que insista em viver com apenas uma mulher mostra uma limitação incompatível com o imaginário de poder e masculinidade que sustentam.</p>
O lar é um pilão e a mulher o cereal	<p>Papel da mulher casada, metafórico, local, crítico.</p>	<p>Sacrifícios pelos quais a mulher passa para garantir a felicidade da família. No lar, a mulher moçambicana tem que suportar tudo sobre o marido e sua família, mostrando trabalho incansavelmente, porque isso é que fará dela a melhor das esposas/noras.</p> <p>Inclusive, nos primeiros dias no lar, ela é testada com trabalhos árduos para ver se está preparada para as exigências daquele lugar.</p>	<p><i>“Como o milho será amassada, triturada, torturada, para fazer a felicidade da família. Como o milho suporta tudo, pois esse é o preço da tua honra.”</i> (Chiziane, 2003, p. 28)</p>	<p>De acordo com Marques (2013, p. 13) “historicamente, em Moçambique, casamento era representado como a única fonte de sobrevivência para as mulheres, a qual a elas deviam garantir com força e esforço [..]”</p>

<b>O lobolo é uma troca de rendimentos</b>	Casamento, narrativo, local, informativo.	O ato de <i>lobolo</i> é uma troca de benefícios. Com o <i>lobolo</i> garante-se o bem estar da família da mulher lobolada pelos bens e dote pago e, a felicidade da família do marido por meio do trabalho ou múltiplas funções que ela vai desempenhar enquanto esposa e nora no lar, e na impossibilidade de satisfazer esses requisitos, corre o sério risco de ser devolvida a casa dos pais e exigir-se, em troca, a devolução do pagamento do seu <i>lobolo</i> .	<i>“Mulher lobolada tem a obrigação de trabalhar para o marido e os pais deste. Deve parir filhos, de preferência varões, para engrandecer o nome da família. Se o rendimento não alcança o desejável, nada há a fazer senão devolver a mulher à sua origem, recolher as vacas e recomeçar o negócio com outra família”</i> (Chiziane, 2003, p. 39)	O casamento tradicional em Moçambique, chamado lobolo, é obrigatório. Todo o homem que decide ter um relacionando amoroso com uma mulher e que passa a viver com ela maritalmente precisa atender essa exigência por meio de pagamento de dote. E, por sua vez, a mulher precisa atender as expectativas do marido e da família no lar.
<b>O teu homem é teu senhor</b>	Patriarquismo, metafórico, universal, satírico.	Sujeição da mulher ao homem como autoridade máxima, o guia da casa a quem se espera a última voz e se deve a obediência sem contestação.	<i>“Sarnau, o teu homem é teu senhor. Se ele, furioso, agredir o teu corpo, grita de júbilo porque te ama”</i> (Chiziane, 2003, p. 26)	Segundo Paulino (2014, p. 10), “um número elevado de mulheres vive em situação submissa ou sobre os preceitos do esposo, a ela cabe o papel de cuidar dos afazeres domésticos, gerar filhos e cultivar a terra ou vender determinados produtos no quintal”
<b>Quando os cães ladram</b>	Espiritualidade, narrativo,	O cão é o guarda ou alerta do Homem sobre aproximação de alguém	<i>“Nas noites de luar, quando o latido dos cães é mais raivoso</i>	Além disso, há uma forte crença de que os cães são videntes de forças

<b>incessantemente, aproxima-se um estranho</b>	local, informativo.	desconhecido ou de forças malignas. Portanto, num contexto como moçambicano que se acredita em espíritos malignos, o ladrar incessante do cão pode significar que esteja visualizando espíritos maus.	<i>é um fantasma que passa, é um feitiço que paira no ar, é mau agoiro”</i> (Chiziane, p. 130)	espirituais. E quando as visualizam, latem ferozmente com um instinto protetor da casa.
<b>Quem abre uma cova acaba caindo nela</b>	Justiça moral, sentencioso, universal, advertência.	As nossas ações, às vezes, geram consequências sobre nós mesmos. Por exemplo, se praticamos o mal, acabamos sendo levados pelo mal ou alvos da própria ação maléfica por nós praticada.	<i>“No teu lar semeias a preguiça, a vaidade e a insolência. Caminhas de olhos fechados no caminho de urtigas, as feridas sangrentas depressa virão”</i> (Chiziane, 2003, p. 65).	É um apelo à consciência das nossas próprias ações, para que tenhamos cuidado e sejamos cautelosos com cada passo que damos e com a forma como o damos.
<b>Quem fere o orgulho do rei é punido de morte</b>	Poder e autoridade, sentencioso, universal, advertência.	O homem é considerado a autoridade máxima, assemelhando-se à figura do rei. Quando se torna vítima do adultério, virando chacota da sociedade, a sua esposa arca com consequências drásticas, como regresso à casa de seus pais, agressões físicas por parte do marido, em casos extremos, resultando até em morte".	<i>“Amanhã ao nascer do sol, convocarei todos os ndunas, tu e a Phati beberão wanga. O sangue da traição jorrará sobre a minha lança. Sarnau, andas a enganar-me. Quem é o homem com quem dormes?”</i> (p. 99)	O ato de traição, em Moçambique, é frequentemente interpretado como um reflexo da fragilidade masculina do homem traído. A mulher busca fora de casa aquilo que, segundo essa visão, não encontra em seu lar - seja atenção, afeto ou satisfação emocional e física, sobretudo, a satisfação sexual.



<b>Rir da dentição falha do crocodilo antes de atravessar o rio</b>	Prudência, metafórico, local, advertência.	Julgamento pela aparência sem considerar a real força ou perigo do outro, ou zombaria feita de fora, por alguém que ainda não enfrentou o que o outro enfrenta (falar do que não se conhece; zombar do outro sem saber o que ele vive ou suporta).	<i>“o rei de Mambone ri-se com deboche do fracasso de Mwando, Sarnaw é mulher livre. Pobre homem, está a rir da dentição falha do crocodilo antes de atravessar o rio”</i> (p. 99)	A dentição falha, neste caso, representa uma fragilidade aparente; o rio representa a dificuldade (que uma pessoa pode passar).
<b>Será com orgulho que colherei os espinhos por mim semeados</b>	Responsabilidade pessoal, sentencioso, local, crítico.	Embora não constitua um provérbio consagrado ou amplamente difundido no uso cotidiano, esse enunciado apresenta estrutura e força proverbial. Ele remete à máxima bíblica e popular segundo a qual se colhe aquilo que se planta, mas introduz uma nuance significativa: o sujeito enunciadador não apenas reconhece a responsabilidade por suas ações, como também se dispõe, com altivez, a suportar as consequências delas decorrentes.	<i>“Surpreende-me apenas o facto de os meus censores não terem uma conduta melhor que a minha, por favor, ocupem-se dos vossos problemas.”</i> (Chiziane, 2003, p. 40)	Declaração de quem assume os próprios erros ou escolhas difíceis com firmeza e orgulho, como parte da jornada que o define.  Estar firme naquilo que faz ou diz, sem medo de julgamento ou de arcar com as consequências das próprias ações.

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

A análise apresentada no Quadro 1 permite-nos compreender um olhar irônico e crítico, de Paulina Chiziane em BAV sobre as práticas culturais moçambicanas, sobretudo, com maior ênfase no papel e na posição da mulher na sociedade e no casamento em Moçambique; por meio de UF que evocam o *lobolo*, a submissão, o trabalho doméstico e a procriação (*o lobolo é uma troca de rendimentos; o teu homem é teu senhor; o lar é um pilão e a mulher o cereal; homem nunca pode lavar sem colher*), sobre relações de poder e hierarquia masculina (*o teu homem é teu senhor; o galo canta para a galinha cacarejar*) que configuram o patriarquismo (machismo) presente na região sul de Moçambique, como também valores espirituais e morais da coletividade subsidiadas por ritos, crenças, justiça social (*quando os cães ladram incessantemente, aproxima-se um estranho; o galo que não consegue galar as frangas é eliminado*).

Sublinhar que, para além de UF de uso ou compreensão mais local (*a mulher é a galinha que se cria para com ela presentear os visitantes*), observamos algumas que podem despertar interpretações no contexto universal (*em coisas de marido e mulher, ninguém mete a colher*).

No geral, Chiziane (2003) convida-nos à reflexão empregando UF de modo crítico e irônico (*o galo que não consegue galar as frangas é eliminado*) às normas culturais que ferem, por exemplo, a liberdade, os direitos e os valores morais da mulher moçambicana - revelando o seu engajamento com as lutas feministas - com fim último de denunciar e reivindicar o espaço, o valor e a liberdade igual entre gêneros nos papéis sociais. Ao mesmo tempo, interpela a classe masculina e de sociedade, em geral, a rever suas posturas, lançando um apelo à mudança de mentalidade – uma mudança que, em certa medida, encontra eco nas camadas mais jovens da sociedade moçambicana contemporânea.

## 5. Considerações finais

A nossa leitura permitiu-nos sublinhar cerca de 19 unidades fraseológicas na obra BAV de Paulina Chiziane correspondentes a provérbios que, na proposta

taxonômica de Corpas Pastor (1996), fazem parte das parêmiias enquadradas na 3ª esfera referente a UF.

A análise desses provérbios revelou enunciados que problematizam o papel e a posição da mulher moçambicana na sociedade e no casamento, abordando temas como o **lobolo** (*o lobolo é uma troca de rendimentos*), a **submissão** (*o teu homem é teu senhor; se ele, furioso, agredir o teu corpo, grita de júbilo porque te ama*), o **trabalho doméstico** (*o lar é um pilão e a mulher o cereal*) e a **procriação** (*homem nunca pode lavrar sem colher; chocar ovos é para galinha chocadeira*).

Além disso, foram identificadas unidades que refletem as **relações de poder** e a **hierarquia masculina**, como a **poligamia** (*o galo que não consegue galar as frangas é eliminado*), a **intolerância** (*quem fere o orgulho do rei é punido de morte*), a **obediência e dominação** (*o galo canta para a galinha cacarejar; o teu homem é teu senhor*), bem como os **valores espirituais e morais** da coletividade, sustentados por **ritos e crenças** (*quando os cães ladram incessantemente, aproxima-se um estranho*) e por **concepções de justiça social** (*quem abre uma cova acaba caindo nela*), que moldam a estrutura da comunidade moçambicana.

Compreendemos, assim, que os provérbios não funcionam apenas como expressões linguísticas cristalizadas, mas como **unidades discursivas densamente carregadas de valor social, simbólico e ideológico**.

Este estudo mostrou-se relevante porque, para além de nos permitir acessar a complexidade cultural de Moçambique e adentrar ao seu universo sócio-histórico, confirma a ideia de que “estudar o léxico de uma comunidade linguística ou de um autor é, antes de tudo, uma oportunidade de conhecer uma riqueza linguística com características próprias” (Aragão, 2016; Costa, 2020, p. 23).

Dessa forma, a análise das unidades fraseológicas em BAV permitiu-nos explorar o **pensamento coletivo e o conhecimento linguístico-cultural** de uma parte da sociedade do sul de Moçambique, dos quais a autora se apropria para justamente tecer uma crítica social.

Cabe destacar, ainda, que a obra de Paulina Chiziane se caracteriza por uma pluralidade de vozes e oralidades da cultura moçambicana, e sua incorporação na diegese possibilita ao leitor vislumbrar manifestações de um povo através da língua. O provérbio, nesse sentido, destaca-se como uma das expressões mais marcantes da oralidade, por condensar, de forma metafórica, concisa e culturalmente densa, uma sabedoria ancestral que ecoa nas estruturas sociais moçambicanas.

Entendemos, por fim, que a inserção desses elementos não se limita a uma simples representação cultural, mas configura-se também como uma denúncia crítica de algumas práticas presentes numa sociedade, outrora, bastante poligâmica e patriarcal.

## Referências

ARAGÃO, M. do S. S. A Fraseologia como Marca do Léxico Regional-Popular. *In*: COSTA, D. S. S.; BENCAL, D. R. (org.). **Nos Caminhos do Léxico**. Campo Grande, MS: Ed. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2016, p. 23-45.

BARREIROS, L. L. S.. **O vocabulário de Eulálio Motta**. 2017. 359 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/26681>. Acesso em: 8 nov. 2023.

BIDERMAN, M. T. C. Glossário. **Alfa**: Revista de Linguística. São Paulo: UNESP, n. 28 (supl.), p. 135-144, 1984. Disponível em: <http://piwik.seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/3683/3449> . Acesso em: 04 out 2023.

CAMPOS, A. L. L. "**Com uma canção também se luta**" o negro nas letras das canções brasileiras. 2010. 48 f. TCC (Graduação em português e literatura brasileira), Departamento de letras, Universidade Federal Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

CHIZIANE, P. **Balada de amor ao vento**. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 2003.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Traduzido por Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

COSTA, N. A.. **As Unidades Fraseológicas nos Panfletos de Eulálio Motta**. 60 f. TCC (Monografia científica em letras português/espanhol) – Departamento de letras e artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, 2020.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. Librairie Larousse, 1993. Traduzido por BARROS, F. P. et al. 9 ed. Universidade de São Paulo, 2011.

**Grande entrevista da escritora moçambicana Paulina Chiziane à RTP**, Youtube, 2024. Publicado no canal Poesia Universal. Disponível em: <https://youtu.be/F-B1guFLdZw?si=eoX23yD-9Da5ObbY> . Acesso em: 10 jan. 2024.

KUTTER, C. A. Bildungsroman Feminino: uma leitura de Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dossiê: Romance de Formação: caminhos e descaminhos do herói. **Literatura e Sociedade**, 2018.

LARA, E. M. **Oralidades moçambicanas em balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane**. 116 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Departamento de teoria literária e literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

MARQUES, A. C. Cozinhar, lavar, passar, cuidar dos filhos e da casa. As “regras” para normatizar a vida das mulheres no lar. **Veredas da História**. Ano VI, Edição 1. Universidade Federal de Campina Grande, 2013. p. 6-18. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/48692/26393>. Acesso em: 19 jun. 2025.

MASSINGUE, S.; MATE, I. Polifonia e representação em “Balada de amor ao vento”, de Paulina Chiziane. In: DA LUZ, C. R.; RODRIGUES, L. F. M.; TIMBANE, A. A. **As literaturas em Português em Debate: Produções, Estudos e Pesquisas**. Home Editora, 2023, p. 33-39.

ORTIZ ALVAREZ, M. L.. **Enunciados Fraseológicos: uma amostra de linguagem e cultura no tempo e no espaço**. Universidade de Brasília, 2016. Disponível em: <https://www.revisor10.com.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/1363/2261.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2023.

PAULINO, P. G. M. **O papel da mulher na sociedade moçambicana: caso da comunidade yao-cidade de Lichinga, 2006-2013**. 2014. 55 f. TCC (licenciatura em Ensino de História com habilitação em Ensino de Geografia) - Departamento de História, faculdade de Ciências sociais, Universidade pedagógica, Lichinga, 2014.

POSSENTI, S. Sobre provérbios e análise do discurso. In: POSSENTI, S. (Org.). **Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito**. Curitiba: Criar, 2002, p. 187-193.

SITHOE, Y. Poligamia: tudo em nome da “tradição”. In: GIDDENS, A. **Outras Vozes**. Moçambique, 2009. Disponível em: <https://opinioenoticia.com.br/opinio/tendencias-debates/poligamia-causas-consequencias-e-curiosidades>. Acesso em: 28 jan. 2024.

VALER, S. Balada de Amor ao Vento: A enunciação do “eu feminino” em uma sociedade patriarcal e poligâmica. UFSC - **Revela**: Periódico de Divulgação Científica da FALS Ano II - Nº 04- ISSN 1982-646X, 2009. Disponível em: <http://www.fals.com.br/novofals/revela/REVELA%20XVII/baladadeamor.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2023.

XATARA, C. M.; PARREIRA, M. C.. Elaborando um dicionário fraseológico informal: a coleção xeretando a linguagem. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L.; UNTERNBÄUMEN, E. H. (Org.). **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. São Paulo: Pontes, 2011, p. 77- 92

Artigo recebido em: 21.04.2025

Artigo aprovado em: 30.05.2025